

# Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos

Gladis Massini-Cagliari

Departamento de Lingüística - Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara / CNPq  
Rodovia Araraquara-Jaú, km 1 14800-901 Araraquara – SP  
gladis@fclar.unesp.br

**Abstract.** *This paper analyses vocalic sandhi processes between words in Medieval Portuguese. The corpus is composed by secular and religious Galician-Portuguese cantigas: cantigas de amor, cantigas de amigo and Alfonso X's Cantigas de Santa Maria. All possible solutions to vowel encounters in juncture context were mapped: diphthongization, elision, crasis and hiatus. The optimalistic analysis of the data contributes to the verification of OT's descriptive adequacy, because it deals with the problem of how to explain stylistic usages of linguistic phenomena.*

**Keywords.** *sandhi; Medieval Portuguese; Optimality Theory; Cantigas de Santa Maria; secular Galician-Portuguese cantigas.*

**Resumo.** *Este artigo trata dos fenômenos de sândi vocálico externo em Português Arcaico. A partir de um corpus de cantigas medievais galego-portuguesas profanas (cantigas de amor e de amigo) e religiosas (as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X), foram mapeadas todas as soluções possíveis para os encontros de vogais em contexto intervocabular: ditongação, elisão, crase e hiato. A análise otimalista dos processos de sândi em Português Arcaico traz também contribuições à verificação da adequação descritivo-explicativa da TO, já que coloca o problema de como lidar com usos estilísticos de fenômenos lingüísticos.*

**Palavras-chave.** *sândi; Português Arcaico; Teoria da Otimalidade; Cantigas de Santa Maria; cantigas profanas galego-portuguesas.*

## 0. Introdução

Esta apresentação trata dos fenômenos de sândi vocálico externo em Português Arcaico (de agora em diante, PA).

Sândi é uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical” (TRASK, 2004, p. 260), um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra” (XAVIER & MATEUS, 1990, p. 327-328).

Na vasta literatura que foi produzida sobre o PA, incluindo os estudos lingüísticos e literários a respeito das cantigas medievais galego-portuguesas, profanas e religiosas, três processos de sândi vocálico externo - que promovem, segundo Cunha

(1961, p. 27), a “solução dos encontros vocálicos interverbaís” - têm recebido destaque: elisão, hiato e ditongação.

Como *corpus* desta pesquisa, foi considerada uma seleção de cem cantigas profanas (50 cantigas de amigo, extraídas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* - CBN, e 50 cantigas de amor, selecionadas do *Cancioneiro da Ajuda* – CA) e cinquenta cantigas religiosas (escolhidas do conjunto de 420 *Cantigas de Santa Maria* – CSM, de Afonso X, o sábio, rei de Castela).<sup>1</sup>

Para a escansão dos versos e conseqüente mapeamento dos ditongos, hiatos e elisões em contexto de juntura vocabular, foi utilizada uma metodologia que busca abstrair da escansão dos versos em sílabas *poéticas* os limites entre as sílabas *fonéticas*. Desta forma, especificamente no caso de encontros vocálicos e da categorização desses encontros como ditongos ou hiatos, é particularmente relevante a observação das fronteiras de palavras no meio dos versos. Em outras palavras, a escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas acerca da consideração de uma seqüência de vogais pertencente a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes. Ao lado disso, a escrita dos manuscritos medievais aqui considerados como fonte é particularmente reveladora do fenômeno da elisão, já que não costumavam ser grafadas as vogais apagadas, nesse processo. A escansão dos poemas em sílabas poéticas é também uma aliada no estudo da elisão, já que a não-realização fonética da vogal não-grafada pode ser confirmada a partir da contagem das sílabas poéticas do verso.

A partir desta metodologia, foram mapeados todos os casos de encontros vocálicos intervocabulares, classificando cada caso de acordo com o fenômeno de sândi verificado. Foram encontrados, nos *corpora* de cantigas profanas e religiosas considerados, 3956 casos de encontros entre vogais em juntura de palavras, 1317 no *corpus* de cantigas profanas, e 2639, no de cantigas religiosas.

Como mostra a tabela 1, 52.8% dos casos foram resolvidos em elisões, 45.7%, em hiatos, e apenas 1.5%, em ditongos. A elisão é, pois, de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas.

**Tabela 1. Soluções para os encontros vocálicos nas cantigas profanas e religiosas.**

Processos de sândi	cantigas profanas	CSM	Quantidade (percentual)
Elisões	848 (21.4%)	1241 (31.4%)	2089 (52.8%)
Hiatos	418 (10.6%)	1388 (35.1%)	1806 (45.7%)
Ditongos	51 (1.3%)	10 (0.2%)	61 (1.5%)
<b>Total</b>	<b>1317 (33.3%)</b>	<b>2639 (66.7%)</b>	<b>3956 (100%)</b>

No entanto, como mostram a tabela 1 e os gráficos 1 e 2, a preponderância da elisão se dá principalmente no *corpus* de cantigas profanas, em que a elisão ocorre em 848 de 1317 casos (64.4% do total, contra 31.7% de hiatos).

Já no *corpus* de cantigas religiosas, como mostra o gráfico 2, o hiato é a solução mais recorrente para o encontro de vogais em situação de juntura de palavras. Entretanto, a diferença entre os casos de hiatos e de elisões não é tão acentuada quanto no *corpus* de cantigas profanas. O hiato é a solução encontrada em 52.6% dos casos (1388 em 2639), enquanto a elisão aparece em 47% (1241 casos).

Os dois *corpora* mostram também concordâncias e discrepâncias com relação à consideração da ditongação como processo de sândi vocálico externo. Em ambos os *corpora*, o processo de ditongação é minoritário, apesar de se constituir em um processo mais relevante no *corpus* de profanas do que no de religiosas. Como se verá adiante, a pouca ocorrência de casos de ditongação como processo de resolução de juntura vocabular dá-se em decorrência do contexto extremamente restrito de sua aplicação: a sinalefa só pode acontecer com o pronome *mi* - e apenas quando seguido das vogais [a, o, ɔ].

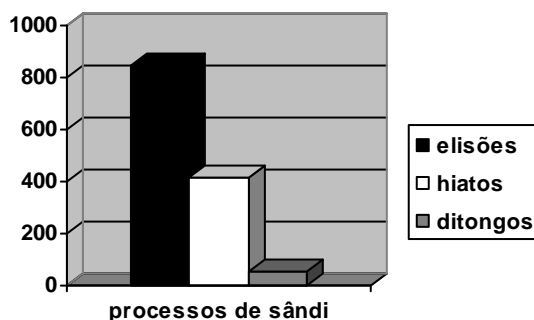


Gráfico 1. Soluções para os encontros vocálicos: cantigas profanas.

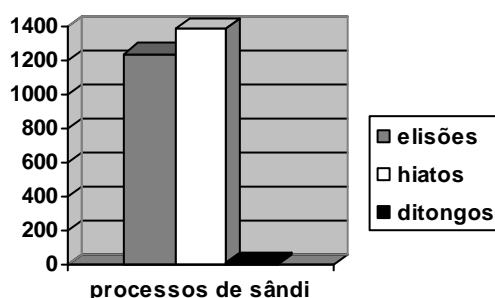


Gráfico 2. Soluções para os encontros vocálicos: cantigas religiosas.

## 1. Elisão, hiato e crase

A tabela 2, adiante, traz as vogais envolvidas em todos os processos de sândi mapeados no *corpus*. Ela mostra que, enquanto praticamente todas as seqüências vocálicas podem formar hiatos, há sérias restrições quanto à ocorrência dos demais processos de sândi. Como se vê, para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal átona da primeira palavra seja /a/, /e/² ou /o/³; já para a ditongação (enquanto processo de sândi), necessariamente a vogal átona da primeira palavra tem que ser /i/ (e, como será visto adiante, não um /i/ qualquer, mas a vogal dos monossílabos *mi* ou *ti* – especialmente *mi*).

Como mostra a tabela 2, foram mapeados 2089 casos de sândi vocálico externo em que ocorre elisão, ou seja, casos em que a vogal átona final da primeira palavra é apagada, e uma nova sílaba é formada, a partir da adjunção do *onset* da sílaba átona final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra.

Os casos mais típicos de elisão ocorrem quando a vogal átona da primeira palavra é /e/ ou /o/ - exemplos em (1).<sup>4</sup>

- (1) a. do sepulcr'e o demo destroyr (CSM143-26)  
 sepulcr'e = sepulcro + e  
 b. Madre quero geuyr ueer (B932-1)  
 quer'oj'eu = quero + oge + eu  
 c. se me matassedes ia prazer mia (A285-24)  
 m'ia = me + ia  
 d. Muito foi noss'amigo | u diss': "Ave Maria"(CSM210-5)  
 noss'amigo = nosso + amigo; diss'Ave = disse + Ave

**Tabela 2. Contextos dos processos de sândi nas cantigas profanas e religiosas.**

vogal átona final da primeira palavra	vogal inicial da segunda palavra	Elisão	Hiato	Ditongo	Subtotal
	a (a, ã/an)	69	119	---	188
	e (e, ê / en)	21	188	---	209
	é (/ɛ/)	3	34	---	37
a +	i	1	42	---	43
	o	4	108	---	112
	ó (/ɔ/)	1	9	---	10
	u (ũ / un)	---	36	---	36
Subtotal:	a + V	99	536	---	635

	a (a, ã/an)	431	336	---	767
	e (e, ê / en)	430	184	---	614
	é (/ɛ/)	64	74	---	138
e +	i	29	24	---	53
	o	146	185	---	331
	ó (/ɔ/)	46	6	---	52
	u (ũ / un)	32	26	---	58
Subtotal:	e + V	1178	835	---	2013

	a (a, ã/an)	---	1	---	1
	e (e, ê / en)	---	7	---	7
	é (/ɛ/)	---	---	---	---
é (/ɛ/) +	i	---	---	---	---
	o	---	6	---	6
	ó (/ɔ/)	---	---	---	---
	u (ũ / un)	---	1	---	1
Subtotal:	é (/ɛ/) + V	---	15	---	15

	a (a, ã/an)	---	34	40	74
	e (e, ê / en)	---	34	---	34
	é (/ɛ/)	---	6	---	6
i +	i	---	3	---	3
	o	---	18	19	37
	ó (/ɔ/)	---	---	2	2
	u (ũ / un)	---	11	---	11
Subtotal:	i + V	---	106	61	167

	a (a, ã / an)	236	123	---	359
	e (e, ê / en)	377	73	---	450
o +	é (/ɛ/)	51	8	---	59
	i	27	13	---	40
	o	70	44	---	114
	ó (/ɔ/)	27	5	---	32
	u (ũ / un)	24	6	---	30
Subtotal:	o + V	812	272	---	1084

	a (a, ã / an)	---	13	---	13
	e (e, ê / en)	---	17	---	17
u +	é (/ɛ/)	---	7	---	7
	i	---	---	---	---
	o	---	4	---	4
	ó (/ɔ/)	---	1	---	1
	u (ũ / un)	---	---	---	---
Subtotal:	u + V	---	42	---	42
TOTAL		2089	1806	61	3956

Analisando a tabela 2, nota-se que há algo a mais do que apenas a restrição quanto à qualidade da vogal átona final da primeira palavra (que tem que necessariamente ser /a/, /e/ ou /o/) para a ocorrência da elisão. Pode-se perceber uma diferença no comportamento de alguns dos exemplos, quando se comparam os casos de elisão, se a vogal átona final da primeira palavra é /a/, com aqueles em que a vogal apagada é /e/ ou /o/.

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar uma diferença na ocorrência de casos com vogal elidida /a/, por um lado, e /e, o/, por outro. Os casos de apagamento de /a/ correspondem a apenas 4.7% dos casos (99 em 2089), enquanto que os de /e/ equivalem a 56.4%, e os de /o/, a 38.9%. Como se pode notar, a ocorrência de elisão com palavras cuja vogal átona final é /a/ é muito mais restrita do que com /e, o/. A própria tabela 2 já mostra isto, se for considerada a proporção de hiatos e elisões, com relação à qualidade da primeira vogal. No caso de /a/, a solução preferida para os encontros vocálicos é o hiato (536 casos, 84.4%, contra apenas 99 elisões, 15.6%). Com relação a /e/ e /o/ esta proporção se inverte. Dos 2013 casos de sândi com vogal átona /e/, 1178 (58.5%) resolvem-se em elisão e 835 (41.4%), em hiato. Se descontarmos desses casos os relativos a monossílabos bloqueadores de elisão (bastante recorrentes) terminados em /e/ (vejam-se as tabela 5), como *que, e, se* (conjunção), a desproporção entre os casos de elisão e hiato acentua-se ainda mais: dos 835 casos de hiato, 705 devem-se à presença desses monossílabos. Já com relação a /o/, dos 1084 casos mapeados, 812 (74.9%) correspondem a fenômenos de elisão e 272 (25.1%), de hiato.

Além disso, enquanto o processo de elisão de /e, o/ se dá diante de todas as vogais, a elisão de /a/ acontece preferencialmente diante de /a/ mesmo ou /e/. Inclusive, como mostra a tabela 2, há pouquíssimos casos de elisão de /a/ diante de vogais diferentes dessas.

Com base na discrepância no número de casos observados e na diferença de comportamento da queda da vogal átona quando esta é ou não /a/, em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 2000, 2001), concluí estar diante de dois processos diferentes

de sândi, quando a vogal átona da primeira palavra é /a/ e a inicial da palavra seguinte também é /a/ e quando a vogal átona final da primeira palavra é /e/ ou /o/, independentemente da qualidade da vogal seguinte. No segundo caso, trata-se do processo clássico de elisão; já no primeiro caso, o processo observado é a *crase* entre vogais de mesma qualidade. De fato, a consideração de que ocorreria somente a crase (e não a elisão) quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ explicaria o fato de o hiato ser a solução preferida para encontros vocálicos formados pela vogal /a/ seguida de outras vogais - exemplos em (2):

- (2) foy ferida e mal treita (B798-8)  
 Ala igreia de uigo (B1280-2)  
 cada u uou por me uos asconder (A185-22)  
 veron sa oferta dar / estranna e preçada. (CSM1-41,42)  
Essa ora logo sen tardada (CSM15-131)

No *corpus* das cantigas religiosas, foram encontrados 24 casos em que os encontros vocálicos intervocabulares entre /a/ e outras vogais foram resolvidos pela elisão. Os únicos 6 casos mapeados no *corpus* das cantigas profanas encontram-se listados em (3):

- (3) a. p bõa fe de nullen ueia auer (A2-11)  
 nulh'enveja = nulha + enveja  
 b. e sela foi mesquinne eu fiquei (A227-3)  
 mesquinh'a = mesquinha + e  
 c. nena gran coyt en que me faz uiuer (A293-6)  
 coit'en = coita + en  
 d. da muy gran coyt en que uiuo sofrer (A293-20)  
 coit'en = coita + en  
 e. de qual mior oystes dizer (A41-18)  
 or'oístes = ora + oístes  
 f. se nõ quantora me oystes diz(er) (A2-16)  
 quant'ora = quanta + ora

Apesar da existência de exemplos dessa natureza, considero que realmente há processos diferentes de sândi vocálico externo que se aplicam no PA de acordo com a qualidade da vogal átona da primeira palavra - se /a/, o processo de sândi que se aplica é a crase, e apenas diante de outro /a/; se /e/ ou /o/, aplica-se a elisão. Isto porque há outros argumentos que sustentam a hipótese de o processo de sândi ocorrente entre duas vogais /a/ não ser a elisão - entre eles, o fato de nem todos os casos de aparente elisão da vogal /a/ respeitarem as restrições rítmicas e fonotáticas a que estão submetidos os casos de elisão de /e/ ou de /o/. Seriam, então, exceções ditadas por razões estilísticas os exemplos de elisão arrolados em (3) - e não os casos de hiato entre /a/ e vogais de outra natureza em juntura de palavras.

Em primeiro lugar, foi possível observar, principalmente a partir da consideração do *corpus* das CSM, mas também na seleção de cantigas de amor do *Cancioneiro da Ajuda*, que apenas quando a primeira vogal é /a/ (e nunca, quando é /e/ ou /o/), é possível ocorrer sândi, mesmo quando a sílaba átona final da primeira palavra não tem o *onset* preenchido.

Como mostra a tabela 3, na maior parte dos casos, seqüências de sílaba átona de *onset* vazio e vogal são preferencialmente resolvidas em hiato (82.4% dos casos). É

preciso dizer, no entanto, que todos os 18 casos em que aparentemente acontece elisão dizem respeito a seqüências de duas vogais /a/, em que ocorre crase (e não elisão) – exemplos em (4). Porém, quando a sílaba átona de *onset* vazio é preenchida por uma vogal diferente de /a/ (/e/ ou /o/), a única solução possível é o hiato – exemplos em (5). A partir desse fato, é possível afirmar que é preciso que a vogal a ser elidida pertença a uma sílaba com *onset* preenchido - caso contrário, o hiato torna-se obrigatório. Isto prova que, quando há sândi entre /a/ e /a/, não precisa ser respeitada a restrição fonotática que dita que a elisão só pode acontecer quando o *onset* da sílaba final da primeira palavra for preenchido.

**Tabela 3. Processos de sândi – primeira sílaba com *onset* vazio (com exceção de monossílabos).**

Processo	Quantidade
Elisão	18 (17.6%)
Hiato	84 (82.4%)
Total	102 (100%)

- (4) Santa Mari', ay amigos meus, (CSM15-73)  
perdia por ela, non llo queri' ascoitar. (CSM16-23)  
loar, lo' a que par non á, (CSM160-3)  
sol non acharon y hũ' almocela? (CSM180-46)  
que o reino do Algarve tũ' aquela sazón (CSM183-7)  
e Santa Mari' a vila de Faaron nomëar (CSM183-17)  
a Osti', ar quis o sangui consomir do glorioso (CSM225-19)  
Se podi' aver ontr' eles algũa tal deoessa (CSM335-80)  
que me non poderiamor (A28-2)  
E mia sênor des aquel dia y (dia+ai) (A38-9)  
de dur uerri aqui mentir (A115-18)
- (5) trões que ll' ouve merçee a Sennor conprida (CSM77-26)  
e santidade, u merceee achar (CSM180-58)  
e o que non cree esto muito per faz gran sandece (CSM335-12)  
merceee e por ssa Madre, ca ben de certo sabian (CSM213-98)  
comprida, certãa / lee, e non vãa, (CSM192-146,147)  
de Juyãõ, e disse: «Por Deus (CSM15-71)  
Este Juyãõ avia guerra (CSM15-23)  
Onde ll' avêõ assi (CSM18-35)  
Onde ll' avêõ un dia que de ssa casa saydo (CSM213-21)

Uma outra evidência do comportamento diferenciado dos processos de sândi que ocorrem quando a primeira vogal é /a/ - e ao contrário de /e, o/ - provém de exemplos como os citados em (6). Nesses exemplos (todos retirados do *corpus* de cantigas religiosas), existe a possibilidade de ocorrência de um processo de sândi um pouco diferenciado da elisão, já que a vogal apagada é a segunda (ou seja, a vogal inicial da segunda palavra).

- (6) que a terra toda sclareceu, (CSM15-91)  
eno mes d' agosto, no dia scolleito, (CSM77-27)  
que era ng[an]osa / muit' e mentirosa (CSM192-50,51)  
E tan toste começaram d' andar per essa ncontrara, (CSM277-32)



Note-se, porém, que, em todos os exemplos em (6), a vogal apagada é sempre /e/ - a vogal epentética por natureza no PA – e encontra-se no contexto inicial de palavra, seguida por uma consoante em coda e uma oclusiva, no *onset* da sílaba seguinte. Ora, é justamente este um dos contextos em que, necessariamente, há epêntese de uma vogal para “corrigir” a estrutura silábica, em nível lexical. Nos exemplos em (6), há a possibilidade de a vogal da palavra anterior preencher o núcleo dessa sílaba irregular, se não houver a epêntese. Se esta explicação é a correta, então o processo de juntura que ocorre não é a elisão.

Isto fica bastante claro no exemplo abaixo, (7), já que a epêntese inicial da palavra “estrela” claramente não ocorre. A coda inicial “desgarrada” /S/, então, adjuge-se ao núcleo da sílaba anterior.

(7) aos tres Reis en Ultramar / ouy' a strela mostrada, (CSM1-38,39)

Mais clara ainda é a ocorrência desse processo no exemplo em (8), encontrado no *corpus* das cantigas profanas, no *Cancioneiro da Ajuda*. Nesse exemplo, apaga-se a vogal epentética da preposição *em* (que normalmente já não aparece nas contrações *no(s)*, *na(s)*, mas se mantém nas formas arcaicas *eno(s)*, *ena(s)*), porque está precedida de uma palavra acabada por uma vogal átona. Este processo, bastante marginal, foi encontrado apenas uma vez, em um verso que se repete duas vezes (refrão).

(8) delo dian que uos non ui (A172-5e11)

Mas o argumento crucial a favor da consideração do sândi entre dois *as* como um processo diferenciado da elisão é o fato de esse fenômeno poder ocorrer quando a vogal final da primeira palavra é tônica.

**Tabela 4. Contexto prosódico de aplicação dos processos de sândi – cantigas profanas e religiosas.**

Contexto de aplicação		Elisão/crase	Hiato	Ditongo	Subtotal	
final da primeira palavra	início da segunda palavra					
... (C)V tônica +	V tônica	---	62	---	62	
	V pré-tônica	3	70	---	73	
	monossílabo	V (leve)	1	64	---	65
		VV (ditongo)	---	15	---	15
		VC	---	17	---	17
Subtotal		4	228	---	232	
... (C)V (átona) +	V tônica	299	93	---	392	
	V pré-tônica	419	93	---	512	
	monossílabo	V (leve)	450	270	---	720
		VV (ditongo)	161	14	---	175
		VC	150	79	---	230
Subtotal		1479	549	---	2028	
monossílabo +	V tônica	187	292	10	489	
	V pré-tônica	226	300	14	540	
	monossílabo	V (leve)	67	270	32	369
		VV (ditongo)	61	63	---	124
		VC	65	104	5	174
Subtotal		606	1029	61	1696	
Subtotal		2089	1806	61	3956	



A partir da tabela 4, acima, é possível ver que existe uma forte restrição de ordem rítmica, que regula a ocorrência da elisão. Como é possível observar, não há um único caso de elisão, quando a primeira vogal envolvida no processo, ou seja, a vogal da primeira palavra, é *tônica*; os quatro casos contados de elisão/crase entre (C)V tônica e vogal pré-tônica, em (9), referem-se a exemplos de sândi entre /a/s - casos de crase, portanto. Esta restrição de natureza rítmica já havia sido anotada por Cunha (1961, p. 42), que observou que “contra-regrando o fenômeno essencial do regime da elisão, verificamos ser o hiato o efeito obrigatório do encontro em que a prepositiva é tônica ou semitônica”.<sup>5</sup>

- (9) ca, pois eu morrer’, logo dirá ‘Iguen (A10-19)<sup>6</sup>  
casi me en forçad amor (A16-10) (c’assi = ca + assi)  
cassi estarei dela mellor (A28-10) (c’assi = ca + assi)  
c’a azcûa chantou toda per hûa grand’ azÿeira. (CSM213-79) (c’a=ca+a)

Se a hipótese aqui esboçada (a de que o processo de sândi que ocorre no contexto A+A é a crase, e não a elisão) é correta, então os casos de elisão, quando a primeira vogal é /a/, ficam reduzidos a apenas 30 (apenas 1.4% do total das elisões, ou seja, 2089, ou 30% do total das elisões/crases de /a/), já que, dos 99 casos de elisão de vogal /a/ mapeados no *corpus*, 69 ocorrem entre dois *as*.

Estudando os processos de sândi vocálico externo no Português Brasileiro contemporâneo (PB), Bisol (1992, 2002) também estabelece uma diferenciação entre as palavras terminadas em *a* átono final, por um lado (em que ocorre, na sua opinião, *degeminação*), e, por outro, as palavras terminadas por outras vogais átonas (em que ocorre *elisão*, propriamente dita, ou outro processo de sândi).<sup>7</sup> Na opinião de Bisol (1992, p. 91-92), exemplos do tipo *casa amarela* → *casamarela* e *casa albergue* → *casalbergue*, são explicados considerando-se, primeiramente, a perda da fronteira silábica, seguida da fusão entre as vogais, seguida de uma ressilabificação e da incorporação (reassociação do “onset” silábico). Esses processos formariam uma vogal “geminada” – daí a necessidade de uma *degeminação* (encurtamento) da vogal.

Nos trabalhos anteriores em que tratei do assunto no PA, preferi denominar o processo de sândi ocorrente entre dois *as* como *crase* – e não como *degeminação* -, já que é, por sua natureza, um pouco diverso do processo descrito por Bisol, uma vez que não pressupõe a simplificação da sílaba, considerando que as duas moras, correspondentes a cada uma das vogais /a/ que se fundem, se mantêm. Isto porque se considera que, diferentemente do que acontece com as palavras terminadas em /e,o/ átonos finais, a vogal /a/ átona final não pode cair (do contrário, o processo da elisão poderia ser aplicado). Sendo assim, considera-se que há restrições quanto à redução dessa vogal, com conseqüências para os processos de sândi – o que faz do processo de crase, presente no PA, diferente do processo de *degeminação*, considerado por Bisol (1992, 2002) para o PB.

## 2. Ditongos e hiatos

Como foi mostrado anteriormente a partir da tabela 1, a ditongação é o processo escolhido para resolver os encontros vocálicos intervocabulares em apenas 1.5% dos casos. No conjunto dos dois *corpora* analisados, foram encontrados apenas 61 exemplos de ditongos formados entre vogais de duas palavras diferentes, sendo que 51 casos foram encontrados no *corpus* de cantigas profanas (37 em A, e 14, em B) e apenas 10,

no conjunto das cinquenta *Cantigas de Santa Maria* escolhidas. Estes números já dão idéia de o quão marginal era esse fenômeno, na lírica trovadoresca. Como veremos a seguir, este fato se dá por uma razão lingüística: o contexto de ocorrência da ditongação como processo de sândi é extremamente restrito - apenas ocorre depois do pronome átono *mi* (com o pronome *ti*, não é o processo preferencial). Vejam-se os exemplos em (10):

- (10) Leda mhandeu (B641-3)  
 p<sup>r</sup> ã mhã dades irado (B1147bis-19)  
 E nunca mhõ fará creer (B1040-16)  
 Dizen mhora muit<sup>9</sup> que uen (B1040-2)  
 de qual mior oystes dizer (A41-97)  
 e est' orgullo que mi ás mostrado (CSM15-63)  
 que os que mio fillaren | mio sábian agradecer.(CSM401-41)  
mi acorra en mias coitas | por ti, e averá (CSM401-98)

Apenas um caso de ditongação envolvendo o pronome *ti* pôde ser mapeado no corpus: *Deus tio demande, que pod' e val* (CSM15-64).

O contexto “pronome *mi* seguido de vogal grafada como <a> ou <o>” é o único contexto favorável à ocorrência da ditongação. Nos demais contextos, aplicam-se outros processos de sândi (elisão ou crase, havendo contexto para sua ocorrência) ou o encontro vocálico se mantém, formando um hiato. Nos casos de uma vogal /i/ (final de qualquer palavra que não *mi*) seguida de outra vogal, o hiato é a solução para o encontro vocálico formado, como no verso: *Pois naçi nunca ui amor* (A 80-117).

No entanto, há ocorrências de hiatos formados pelo pronome *mi* mais vogal – exemplos em (11). No caso do pronome *mi*, a solução mais freqüente para os encontros vocálicos é a ditongação (83.3%); há apenas 12 casos de hiato, que correspondem a 16.7% do total. Já com relação ao pronome *ti* ocorre o inverso: dos 7 casos encontrados, 6 (85.7%) são resolvidos em hiato; apenas um se resolve em ditongo.

- (11) Tan coytado ã mi anda (B1036-15)  
 Ay dñ ã doo ã eu de mi ey (B1128-1)  
 p<sup>r</sup> mi aly quandoa fez (B1173-8)  
 de mi e da outra dona, a que te mais praz (CSM16-67)  
 ir migo e mi algo derdes (CSM102-23)  
 a mi á ela mostrados (CSM200-6)  
 e desdennares a mi e a meu Fill', o santo Rey (CSM285-107)

Tal fato levanta a hipótese da existência de duas formas para cada um desses pronomes: uma tônica (que bloqueia a ditongação), e outra átona (sujeita à ditongação). Nesse sentido, no caso de *ti*, pode-se dizer que o pronome é prioritariamente tônico, já que bloqueia, na grande maioria dos casos, a ditongação. Esta, quando ocorre, pode, inclusive, ser interpretada como um aproveitamento estilístico desse processo – marginal, portanto.

No entanto, no caso de *mi*, embora haja exemplos que comprovem o caráter tônico desse pronome – *Cao ñõ ui nẽ uyo el mi* (B555-14), em que o pronome *mi* é, inclusive, o ponto mais proeminente do verso -, há outros, como *amade-mi e vos muit', e al non* (CSM259-28), que comprovam sua atonicidade e sua capacidade de realizar-se como clítico. Mesmo nesse caso, pode ocorrer um hiato. Para este pronome, no entanto,

seria o hiato o processo de sândi não esperado, cujo uso poderia ter conotações estilísticas, portanto.

### 3. Sândi em PA: fenômeno lingüístico ou estilístico?

Na tabela 5, abaixo, é apresentado um levantamento quantitativo de todos os casos de hiato intervocabular encontrados no *corpus*. Como se pode observar, 19.7% dos casos constituem casos de hiato não-obrigatórios; os outros 80.3% são hiatos obrigatórios, explicados por razões lingüísticas e não de estilo.

Em um trabalho anterior (MASSINI-CAGLIARI, 2003, p. 530), em que opus os casos de hiatos obrigatórios aos casos de hiatos opcionais, considerando apenas as cantigas profanas (de amigo e de amor) aqui também consideradas, mas levando em consideração na contagem também os casos de hiatos formados por ditongo + vogal, obtive uma proporção de 97,96% de casos de sândi ou de manutenção de hiatos regrados por restrições lingüísticas muito específicas contra apenas 2.04% de hiatos excepcionais, ou seja, hiatos formados por vogais em relação às quais havia contexto para a aplicação de algum dos processos de sândi aqui analisados (ditongação, crase ou elisão), mas que, por alguma razão desconhecida, não se aplicam. Naquela época, esses resultados me levaram a concluir que se há “margem de arbítrio” (como a chama Celso Cunha) para a aplicação dos fenômenos de sândi, ela é ainda menor do que estabeleceu o ilustre filólogo (“menos de 10%”). Ousamos dizer até que, dada a pouca relevância estatística das exceções, talvez estas ainda possam ser explicadas e previstas, como afirma Cunha (1961, p. 43), por algum “artifício ou qualquer razão não apurada de métrica ou de língua”. Nesse caso, não haveria qualquer opção por parte dos trovadores quanto à aplicação ou não dos fenômenos de sândi, constituindo estes processos da língua (da fonologia, da gramática) por trás dos versos e não unicamente de estilo. Desta forma, acabei por afirmar o caráter obrigatório da elisão e da crase, quando contexto há para a sua aplicação, na língua dos trovadores, o PA, dos quais não é possível fugir, sem criar uma transgressão, uma licença poética.

**Tabela 5. Fatores bloqueadores de elisão, crase e ditongação e favorecedores do hiato.**

Razão do aparecimento do hiato	Quantidade
Cesura, pausas, mudança de contorno entoacional	39 (2.2%)
Primeira vogal em sílaba com <i>onset</i> vazio	84 (4.7%)
Monossílabos bloqueadores de elisão na primeira sílaba	954 (52.8%)
Sílaba tônica na primeira posição	227 (12.6%)
Qualidade da primeira vogal (i/u)	92 (5.1%)
DE + pronome acusativo	13 (0.7%)
versos irregulares - com sílaba(s) a mais	40 (2.2%)
Razões estilísticas (hiatos opcionais)	357 (19.7%)
<b>Total</b>	<b>1806 (100%)</b>

De fato, a análise aqui empreendida comprova que, para o *corpus* de cantigas profanas (e sobretudo para B), o condicionamento dos fenômenos de elisão, crase e ditongação é principalmente lingüístico. Descontando-se da conta feita em 2003 os casos de hiatos formados por ditongos seguidos de vogal (que, agora, não foram considerados), os casos de hiatos não explicados por razões lingüísticas, no *corpus* das cantigas profanas, chega a 13.9% – uma margem de arbítrio maior do que a encontrada em 2003, mas muito próxima dos 10% estimados por Cunha (1961, p. 43). Já com relação às cantigas religiosas, a possibilidade de serem formados hiatos não previstos

pelo contexto é maior: chega a 21.6% de todos os hiatos mapeados no *corpus* de cantigas religiosas.

Um dos contextos em que foi detectada maior variação entre elisão/crase e hiato ocorre quando a primeira palavra ou um monossílabo é seguido por um monossílabo formado por uma única vogal (que pode corresponder a um artigo definido, a um pronome acusativo, ao corpo da conjunção *e* ou da preposição *a*, ou a monossílabos tônicos formados unicamente por vogal). Nesse contexto, o comportamento dos *corpora* de cantigas profanas e religiosas é inverso, embora a variação exista em ambos os conjuntos de cantigas. Nas cantigas profanas, a solução preferencial dada ao encontro de vogais nesse contexto é a elisão, sendo que há raríssimos casos de hiato – exemplos em (12). Já nas cantigas religiosas, a solução mais recorrente para encontro de vogais no contexto V átona ou monossílabo seguido de V é o hiato – exemplos em (13). Como se pode ver, em (12) e (13) estão apresentados exemplos de uma mesma natureza. A diferença entre os *corpora* de cantigas profanas e religiosas está, apenas, na proporção entre os casos de *a* e *b*.

(12) a. elisão:

de todo ben sempr o mellor (A42-11)  
omen cuitad e a doer (A42-14)  
dã ora uehesso meu amigo (B676-19)  
e disse quãde qual dia (B696-9)  
edeffendilho eu e el entõ (B719-10)

b. hiato:

de mi por esto e non per outra ren (A157-16)  
a ome o que nõ quer dizer (A87-30)  
Nullome aqueo non diga (B1036-6)  
Que sse behesse logo asseu grado (B936-5)

(13) a. elisão:

o que entend' e de dizer lle praz (CSM-B-7)  
confiand' en Deus, ond' o saber ven (CSM-B-12)  
Jesu-Crist', e foy-o deytar (CSM1-28)  
foi logo mort' e perdudo (CSM2-64)  
com' a Virgen dit' avia. (CSM2-65)  
E poren lle disse: «Amigo, creed' a mi (CSM16-40)

b. hiato:

ca per esto o perd' e per al non. (CSM-B-32)  
no seu reyno e nos erdar (CSM1-8)  
nen como a contrada (CSM1-37)  
a un sant' abade e disse-ll' en confisson (CSM16-32)

Enfim, diante desse quadro, pode-se concluir que os processos de sândi no PA são altamente condicionados por fatores lingüísticos. No entanto, há uma pequena margem de manobra, que pode ser explorada pelos trovadores com finalidades estilísticas, que podem optar por aplicar os processos de ditongação, crase e elisão ou manter o hiato entre as vogais que se encontram, de modo a obter a quantidade de sílabas poéticas necessária à boa estruturação do verso.

#### 4. O sândi nas cantigas medievais galego-portuguesas interpretado a partir da Teoria da Otimalidade

Em termos fonológicos, tradicionalmente os processos de sândi vocálico externo vêm sendo descritos como casos de ressilabificação; no entanto, como mostra Face (1998, p. 2), ao reexaminar o processo de ressilabificação em espanhol no quadro da TO, a adoção da idéia de que todas as restrições operam simultaneamente torna essa noção de ressilabificação impossível (como não há derivação, não se pode silabificar e, depois, ressilabificar). Desta forma, a partir de Prince e Somlensky (1993), os processos intervoculares de elisão e ditongação passaram a ser vistos como estratégias de reparação de estruturas silábicas menos perfeitas, em direção da obtenção da sílaba universal CV. Nesse contexto, a elisão é uma estratégia para resolver uma seqüência VV, criada quando uma palavra terminada em (C)V é seguida por outra iniciada por V, gerando CV<sub>1</sub>#V<sub>2</sub>.

Em termos otimalistas, a opção das línguas pela elisão pode ser expressa pela hierarquização de apenas duas restrições: ONSET e MAX. ONSET, da família das restrições responsáveis pelos princípios de silabação das línguas, estabelece que sílabas que possuem *onset* são melhores do que as que têm esse constituinte vazio. Já MAX é uma restrição de fidelidade, que opera no sentido de verificar se os elementos presentes no *input* também estão igualmente presentes no *output*; do ponto de vista da avaliação efetuada por MAX, são melhores palavras as que não apaguem qualquer elemento do *input*. Em termos resumidos, pode-se dizer que a opção das línguas pela elisão ou pelo hiato reside no estabelecimento de uma hierarquia entre os princípios de silabação e de fidelidade. Se a silabação for mais importante, ONSET será hierarquizada acima de MAX, e o resultado é a elisão; se, ao contrário, a língua optar por resolver os casos de V#V a partir da manutenção do hiato, isto significa que a fidelidade ao *input* é o que mais conta, e que MAX se sobrepõe a ONSET.

Do ponto de vista da TO, a hierarquização de ONSET sobre MAX garante que ocorra a elisão em detrimento do hiato, na combinação de palavras, mas não determina qual das vogais é apagada – veja tableau (14), em que dois *outputs* são considerados como ótimos.

(14)	/triste+oje/	ONSET	MAX
a. ☞	tris.to.je		*
b. ☞	tris.te.je		*
c.	tris.te.o.je	*	

Para estabelecer qual das duas vogais é apagada em caso de elisão, Casali (1996, p. 24) propõe uma subdivisão a PARSE(F): PARSE(F)-[<sub>w</sub> prediz que deve ser preservado o segmento em posição inicial de palavra; PARSE(F)-lex preserva, na segmentação, morfemas e palavras lexicais. Lee (2004, p. 4) aparentemente reinterpreta as restrições do tipo PARSE(F) propostas por Casali (1996) como pertencentes à família MAX, de fidelidade, já que militam contra o apagamento de elementos, tornando-as especificações dessa restrição mais geral. Assim, PARSE(F)-[<sub>w</sub> foi substituída por Lee (2004) por MAX[<sub>w</sub>, bem como PARSE(F)-lex aparece em Lee (2004) como MAX[<sub>LEX</sub>. As definições adotadas por Lee, no entanto, são as mesmas de Casali (1996, p. 24) – (15). É a hierarquização entre essas duas especificações de MAX que determina qual das duas vogais será apagada, na elisão. Se MAX[<sub>w</sub> domina MAX[<sub>LEX</sub>, a vogal final da primeira

palavra ( $V_1$ ) é apagada; se, ao contrário,  $MAX_{[LEX]}$  está mais alta do que  $MAX_{[w]}$  na hierarquia, então a segunda vogal (a vogal inicial da segunda palavra) é apagada.<sup>8</sup>

(15)  $MAX_{[w]}$ : o segmento na posição inicial de palavra no *input* é mantido no *output*.

$MAX_{[LEX]}$ : as palavras lexicais e os morfemas lexicais do *input* são mantidos no *output*.

Como mostram os dados, no PA, a vogal elidida é sempre a vogal final átona da primeira palavra (mesmo quando esta equivale ao morfema lexical que expressa gênero). Isto mostra que a hierarquia correta é  $MAX_{[w]} \gg MAX_{[LEX]}$ . Já a relação hierárquica de ONSET com essas duas restrições é estabelecida com base no grau de naturalidade dos candidatos a *output*; em ordem decrescente de naturalidade, tem-se: *tris.to.je*, com elisão de  $V_1$ , mais recorrente; *tris.te.o.je*, com hiato, recorrente por finalidades estilísticas; *tris.te.je*, com elisão de  $V_2$ , impossível em PA.<sup>9</sup>

(16)	/triste+oje/	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX]}$
a. $\varnothing$	tris.to.je			*
b.	tris.te.o.je		*	
c.	tris.te.je	*		

Para dar conta da séria restrição quanto à qualidade da primeira vogal para que ocorra a elisão ( $V_1$  tem que ser, obrigatoriamente, /e/ ou /o/; caso  $V_1$  seja diferente de /e, o/, ou seja, se  $V_1 = /a, \varepsilon, i, \upsilon, o, u/$ , a elisão fica barrada e a única solução possível para o encontro vocálico é o hiato),  $MAX_{[LEX]}$  é dividida em  $MAX_{[LEX(V)]}$  e  $MAX_{[LEX(e,o)]}$  – definidas em (17).<sup>10</sup>

(17)  $MAX_{[LEX(V)]}$ : Vogais /a, \varepsilon, i, \upsilon, o, u/ em final de palavra são mantidas.

$MAX_{[LEX(e,o)]}$ : Vogais /e,o/ em final de palavra são mantidas.

(18)	/vila+estar/	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. $\varnothing$	vi.la.es.tar			*	
b.	vi.les.tar	*			
c.	vi.las.tar		*		

A atuação dessas duas restrições, aliada à atuação de \*COMPLEX(N) (em 19), é a responsável pela diferenciação entre os processos de elisão e crase, no PA – como mostra o tableau (20). A atuação de \*COMPLEX(N) mostra que a formação de uma vogal longa é preferível à seqüência de dois *as* no núcleo. Como foi mostrado anteriormente, a crase, no PA, acontece exclusivamente no contexto /a/ + /a/.

(19) \*COMPLEX(N): Núcleos têm apenas um elemento.

(OU Núcleos complexos são proibidos)

(20)	/amiga+assi/	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[w]}$	*COMPLEX(N)	ONSET	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. $\varnothing$	a.mi.ga:.ssi				(*)	
b.	a.mi.ga.a.ssi				*(*)	
c.	a.mi.g<a>a.ssi	*			(*)	
d.	a.mi.ga<a>.ssi		*		(*)	

No entanto, a hierarquia de restrições estabelecida acima gera apenas os casos típicos de sândi no PA. Acontece que diversos casos de exceções, ou seja, de processos de sândi não-esperados em determinados contextos, ocorrem. Tais casos, ao longo do texto aqui desenvolvido, foram considerados *usos estilísticos* dos processos de sândi.



A questão é: como dar conta desses usos, em uma perspectiva otimalista?

Do ponto de vista do total de dados, os usos estilísticos introduzem, no conjunto, *variação*, quanto à solução dada para uma determinada seqüência de vogais, em um contexto também determinado. Uma das soluções é a predominante, considerada aqui como ótima, porque mais recorrente e claramente condicionada por fatores lingüísticos. A outra é o uso considerado *de estilo*, porque não-esperado e cuja razão de aparecimento escapa às considerações feitas até aqui.

Desde os primeiros desenvolvimentos da TO (PRINCE; SOMLENSKY, 1993), a variação interlingüística tem sido expressa através de diferentes hierarquias para o mesmo conjunto de restrições. Variações dialetais também são vistas pela teoria como fruto de diferentes hierarquias. Variações desse tipo também não são um problema, já que diferentes dialetos podem ter diferenças consideráveis de gramática, que devem ser representadas pelas interações entre as restrições em cada dialeto.

Desta forma, do ponto de vista otimalista, as variações estilísticas devem ser vistas mais como casos de desvio, do que como casos de oposição entre hierarquias, já que o falante mantém sua hierarquia original, que gera a maioria dos dados, mas, em um momento específico, por razões extralingüísticas, opta por uma hierarquia alternativa, diferente da original.

Não se trata, também, de processamento em paralelo, avaliando casos lingüisticamente diferentes por hierarquias diferentes. Em primeiro lugar, porque não há diferenças contextuais entre os dados (o uso esperado e o não esperado ocorrem no mesmo contexto). Em segundo lugar, porque o falante tem consciência de que, em um ponto específico, optou por gerar um dado não-esperado (o que prova que ele *sabe* qual é o esperado – em termos otimalistas, tem conhecimento – consciente ou não - da hierarquia de restrições com que a língua trabalha).

Desta forma, a melhor maneira de se tratar usos estilísticos, do ponto de vista da TO, é considerar que o falante avalia normalmente os candidatos, pela hierarquia de restrições da língua, sabe qual é o candidato escolhido, mas opta conscientemente por “suspender” esta avaliação, procedendo a uma outra, com base em uma hierarquia que gerará o resultado específico que ele, conscientemente e com finalidades artísticas, quer obter.

Na seção 3, afirmou-se que um dos contextos em que foi detectada maior variação entre elisão/crase e hiato ocorre quando a primeira palavra ou um monossílabo é seguido por um monossílabo formado por uma única vogal. Nesse contexto, a solução preferencial dada ao encontro de vogais é a elisão, mas foram mapeados diversos hiatos, sobretudo no *corpus* de cantigas religiosas. O aparecimento de hiatos, neste caso, pode ser explicado, do ponto de vista otimalista, pela inversão da relação hierárquica entre as restrições ONSET e  $MAX_{[LEX(e,o)]}$ ; ao invés de  $ONSET \gg MAX_{[LEX(e,o)]}$ , o trovador optaria conscientemente por considerar, apenas no contexto específico do verso em questão,  $MAX_{[LEX(e,o)]} \gg ONSET$ . No tableau (21), essa inversão é responsável por fazer com que o hiato entre as palavras *reino e*, retiradas do verso 8 da CSM1, e não a esperada elisão, seja o candidato ótimo escolhido.

(21)	/reino+e/	$MAX_{[w]}$	$MAX_{[LEX(e,o)]}$	ONSET
a. $\emptyset$	rei.no.e			*
b.	rei.n<O>e		*	
c.	rei.no<e>	*		



Um outro uso estilístico mapeado no *corpus* é a ocorrência de elisão – e não crase – quando a primeira palavra termina em /a/ átono e é seguida de uma palavra iniciada por vogal diferente de /a/. A inversão de hierarquia entre  $MAX_{[LEX(V)]}$  e ONSET (tableau 21) faz com que a formação do hiato seja rejeitada, em favor do apagamento da vogal /a/ final da primeira palavra.<sup>11</sup>

(22)	/nulha+enveja/	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. ☞	nu.lhen.ve.ja			*	
b.	nu.lha.en.ve.ja		*		
c.	nu.lhan.ve.ja	*			

Quando a primeira das duas vogais da seqüência é tônica, a elisão também fica excluída, como solução de sândi. Isto significa que a vogal tônica deve ser preservada, maximizada – restrição expressa por  $MAX(V')$ , que maximiza as vogais acentuadas, ou seja, proíbe o seu apagamento. A atuação dessa restrição fica exemplificada no tableau (23).<sup>12</sup>

(23)	/poderá+errar/	$MAX(V')$	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. ☞	po.de.rá.e.rrar				*	
b.	po.de.re.rrar	*!	*			
c.	po.de.rá.rrar			*		

A preservação das vogais tônicas explica por que o único exemplo mapeado no *corpus* de crase entre sílaba tônica e pretônica deve ser considerado um uso estilístico. Como foi visto anteriormente, nunca ocorrem elisão ou crase, quando a primeira vogal é tônica, com exceção do verso *ca, pois eu morrer', logo dirá 'lguen* (A10-19), em que há crase de um /a/ tônico com um /a/ pretônico. Como mostra o tableau (24), a solução ótima para essa seqüência seria, de fato, o hiato. A segunda opção mais natural, marcada no tableau abaixo com o símbolo ☺, é a crase. A hierarquização dessas duas possibilidades reflete o resultado do levantamento quantitativo efetuado, já que os exemplos de hiato, nesse contexto específico, prevalecem em muito.

(24)	/dirá+alguen/	$MAX(V')$	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[w]}$	*COMPLEX(N)	PCO	ONSET	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. ☞	di.rá.al.guen					*	*	
b. ☺	di.ra:l.guen				*			
c.	di.r<á>al.guen	*	*					
d.	di.rá<a>lguen			*				

Já os casos em que um hiato é gerado devido ao não-preenchimento do *onset* da sílaba final da primeira palavra são ocasionados pela ação da restrição  $MAX(C_0V_1)$ , definida em (25), que maximiza, ou seja, preserva o núcleo – o único elemento - dessa sílaba.

- (25)  $MAX(C_0V_1)$ : O núcleo de uma sílaba de *onset* vazio na posição final da primeira palavra é preservado.

(26)	/avêo+assi/	$MAX(C_0V_1)$	$MAX_{[LEX(V)]}$	$MAX_{[w]}$	ONSET	$MAX_{[LEX(e,o)]}$
a. ☞	a.vê.o.a.ssi				**(*)	
b.	a.vê.a.ssi	*			(*)	*
c.	a.vê.o.ssi			*	(*)	

Quando a vogal final da primeira palavra é /a/ e pertence a uma sílaba com *onset* vazio, há duas possibilidades: a formação de um hiato e a crase entre essas duas vogais. A maximização da sílaba sem *onset* explica por que essas duas são as únicas possibilidades de realização do encontro vocálico formado por *a+a* nesse contexto:

mesmo havendo a crase, o primeiro /a/ estaria preservado, já que forma uma sílaba longa com o /a/ seguinte – possibilidade marcada com o símbolo ☺, no tableau (27). Este tableau mostra que essa é a segunda melhor solução, de acordo com a avaliação dos candidatos, a partir da hierarquia de restrições que tem sido considerada, podendo ser uma boa escolha, em situações de uso estilístico, em que é preciso “diminuir” uma sílaba poética no verso, já que seria uma solução muito mais natural do que as demais possibilidades. A melhor solução para encontros desse tipo, como mostra o tableau (27) é, realmente, o hiato.

(27)	/podia+aver/	MAX(C <sub>0</sub> V <sub>1</sub> )	MAX <sub>[LEX(V)]</sub>	MAX <sub>[w]</sub>	*COMPLEX(N)	ONSET	MAX <sub>[LEX(e,o)]</sub>
a. ☹	po.di.a.a.ver					**	
b. ☺	po.di.a:ver				*	*	
c.	po.di<a>.a.ver	*	*			*	
d.	po.di.a.<a>ver			*		*	

## 5. Conclusão

Enfim, pode-se dizer que, para suprir necessidades artísticas, o trovador como que “inventa” um dialeto “literário”, usado apenas em contextos específicos e restritos. Desta forma, enquanto a hierarquia padrão da língua representa um *ranking* “forte”, que remete ao sistema da própria língua, os usos estilísticos baseiam-se em hierarquias “fracas”, que vão *contra* o sistema estabelecido. O uso estilístico, portanto, é desviante e, enquanto tal, deve receber uma representação que se baseie na noção de “desvio”, ou, em outras palavras, “diferente” do “padrão”.

## Notas

<sup>1</sup> Os critérios para seleção do *corpus* estão apresentados em Massini-Cagliari (2005, p. 34).

<sup>2</sup> Segundo Maia (1986, p. 521), os grafemas <a>, <e> e <o> podem aparecer tanto em posição átona como em posição tônica. Em relação ao grafema <e>, Maia considera que ele pode representar, na posição átona, tanto o fonema /e/ como o fonema /i/. Além disso, há variação entre as letras <e> e <i>, nesse contexto. Para essa autora, “o fonema /i/ surge apenas nalgumas formas pronominais, nalgumas formas verbais e em algumas palavras invariáveis (advérbios ou numerais)”. Portanto, na tabela 2, a abreviatura “e +” refere-se à representação da vogal no nível fonêmico (/e/) e à grafia usual da letra ausente, uma vez que não é possível determinar qual a verdadeira atualização fonética dessa vogal nesse contexto.

<sup>3</sup> Também a abreviatura “o +”, na tabela 2, refere-se à representação fonológica da vogal átona e à sua grafia usual. Segundo Maia (1986, p. 526), “desde o início da fixação escrita do galego-português, a vogal final, tanto quando representa /ũ/ como /õ/ do latim clássico, aparece de modo quase uniforme representada pelo grafema –o. No período mais antigo e, mesmo assim, de modo muito pouco frequente, aparece o grafema u em formas em que a vogal final tinha uma ou outra procedência.”

<sup>4</sup> Entre parênteses, aparece o número que a cantiga da qual foi retirado o exemplo, juntamente com a indicação da fonte (A – *Cancioneiro da Ajuda*; B – *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e CSM – *Cantigas de Santa Maria*). O(s) algarismo(s) depois do hífen refere(m)-se ao verso da cantiga em que aparece o exemplo. No caso das cantigas

profanas, os exemplos são apresentados na ortografia original dos manuscritos A ou B; já as CSM são apresentadas segundo a edição de Mettmann (1986-1988-1989).

<sup>5</sup> Os monossílabos tônicos incluem-se entre as palavras que bloqueiam a ocorrência da elisão. Entre esses, Cunha (1961, p. 43) cita as conjunções *e*, *que*, *ca* e *se*, que, segundo esse autor, mantinham sua “integridade” por serem “*semifortes*”, na época. De fato, seu comportamento com relação a processos de sândi (como a elisão) confirma o caráter tônico atribuído por Cunha a essas palavras, uma vez que elas jamais se elidem com a palavra seguinte iniciada por vogal. Desta forma, com exceção de *e*, em relação à qual restam dúvidas quanto à sua tonicidade (por não poder se elidir com a palavra seguinte mais devido a restrições fonotáticas, de estrutura silábica, do que rítmicas, de tonicidade), essas conjunções, em PA, não devem ser consideradas *clíticos* fonológicos, uma vez que mantêm sua autonomia. Em Massini-Cagliari (2001), acrescentamos à lista de Cunha (1961) a preposição *so*.

<sup>6</sup> Na interpretação de Michaëlis de Vasconcelos (1904, p. 23,).

<sup>7</sup> Tenani (2002) também denomina esse processo de “degeminação”, no PB.

<sup>8</sup> A adoção de restrições como MAX<sub>[w]</sub> e MAX<sub>[LEX]</sub> encaixa-se perfeitamente bem na perspectiva da LPM-OT de Kiparsky (1998, 2000), já que ambas as restrições fazem referência à palavra como domínio prosódico e a características morfológicas definidas no léxico.

<sup>9</sup> O exemplo analisado no tableau (16) provém da cantiga de amigo B555, verso 1.

<sup>10</sup> O exemplo analisado em (18) é retirado da CSM28, verso 99.

<sup>11</sup> Exemplo retirado de A2, verso 11.

<sup>12</sup> Exemplo proveniente de CSM16, segundo verso do refrão.

## Referências

- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez 1992.
- BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, Berlin, New York, n. 15, p. 177-200, 2003.
- CANCIONEIRO da Ajuda*: Edição Fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994.
- CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*: Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- CASALI, R. F. *Resolving Hiatus*. PhD Dissertation. Los Angeles: University of California, 1996. *Rutgers Optimality Archive* – ROA215-0997. Disponível em: <<http://ruccs.rutgers.edu>>. Acesso em: 10 jul. 1999.
- CUNHA, C. F. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1961.
- FACE, T. L. Reexamining Spanish “Resyllabification”. *Rutgers Optimality Archives*. (ROA-291-1298). 1998. Disponível em <<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>> Acesso em: 17 jan. 2005.

- LEE, S.-H. Sobre os encontros vocálicos do Português Brasileiro: uma abordagem baseada na Teoria da Otimidade. 2004. Comunicação apresentada no VIII Congresso Nacional de Fonética e Fonologia e II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, de 15 a 18 de novembro de 2004.
- MAIA, C. *História do galego-português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MASSINI-CAGLIARI, G. O sândi vocálico externo no Português Arcaico visto pela Teoria da Otimidade. IN Castro, Rui Vieira de & Pilar Barbosa (orgs.) *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística (Faro 1999)*. Braga: APL, 2000(a). Vol. II: pp. 59-75.
- MASSINI-CAGLIARI, G. As dimensões rítmicas da elisão em Português Arcaico. *Sexto Congresso da Associação Internacional dos Lusitanistas*. [http://www.geocities.com/ail\\_br/asdimensoesritmicasdaelisao.htm](http://www.geocities.com/ail_br/asdimensoesritmicasdaelisao.htm). 2001. Acesso em 05 set. 2001.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional? In Leão, Ângela Vaz & Vanda O. Bittencourt (orgs.) *Anais – IV Encontro Internacional de Estudos Medievais – IV EIEM*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003(b). pp. 523-531.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: Estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2005. Tese de Livre-Docência.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 101 a 260)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989a.
- PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P.. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers, Newark, NJ: Rutgers University, 1993.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Lingüística)-IEL, UNICAMP, Campinas, 2002.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.